

«AMEI-TE COM UM AMOR ETERNO: POR ISSO CONTINUO A SER-TE FIEL» (Jer 31,3)

Síntese

Padre Fábio

Permitam-me, antes da síntese, uma reação ao que acabámos de ouvir, ao que acabámos de ver, ao que nos foi apresentado através do testemunho o padre Francesco. A reação é de grande emoção, de grande gratidão. Espero dar voz também à gratidão e à emoção presentes nos vossos corações: gratidão, porque há um lugar e há rostos que nos convocam, na quinta-feira à noite do Tríduo Pascal, a levar a sério algumas das questões presentes em nós. Existe um lugar onde determinadas perguntas, determinadas reflexões, determinadas passagens são colocadas na manhã de sexta-feira, para que se possam tornar um ponto de trabalho para a vida, naquele momento de vida que cada um está a viver: os do primeiro ano recebem-nas e tratam-nas de uma forma, os do quinto ano de outra, cada um conforme o momento do caminho em que se encontra. Estamos cheios de emoção e de gratidão, porque na sexta-feira fomos ajudados a olhar para Aquele que foi crucificado, que se deixou trespassar, e depois, na sexta-feira à noite, pudemos deixar ressurgir do nosso coração, da nossa inteligência, aquilo que tínhamos vivido, fazendo perguntas úteis para o caminho do dia seguinte. E, portanto, estamos cheios de gratidão, porque esta manhã pudemos ver os frutos deste caminho na vida do padre Francesco; ou seja, porque temos adultos que nos acompanham, que nos oferecem o seu testemunho de vida, contando aquilo que o bom Deus realizou neles para o bem de todos.

A síntese é feita de alguns pontos, começando pelo vídeo de *don Gius*. Ontem vimo-lo no final da manhã, no “minuto 90”, e vimo-lo em chave “missionária”, porque estávamos a tratar da última passagem: «Um encontro que se dilata», focando a comunhão, a amizade e a missão. Agora, em vez disso, voltamos a vê-lo, concentrando-nos na primeira parte do vídeo, para que seja útil para este momento de síntese, pontuado precisamente pela sua intervenção.

Don Giussani

«A fé é como uma grande hipótese de trabalho que nos vem da tradição. Mas se falta o trabalho da experiência, ela permanece num nível puramente abstrato e traduz-se apenas em rituais ou preocupações moralistas, ao passo que a fé é vida, é uma forma de conceber e sentir a vida. E esta é a nossa tarefa suprema: não a de ser pai e mãe, não a de ser jornalista ou engenheiro, não a de ser militar ou operário, não a de ser vitorioso nas eleições ou escravo de senhores. Não é isso: a nossa tarefa é difundir a grande mensagem de Cristo no mundo. Foi-me dado o dom da fé para o dar aos outros, para o comunicar. Foi-nos dado o dom da fé para que o possamos comunicar e, por isso, a nossa vida será julgada. Para que os homens conheçam Cristo, para que os homens conheçam Cristo, esta é a tarefa dos chamados, esta é a tarefa do povo de Deus: a missão».¹ »

¹ Vídeo – *Don Luigi Giussani, O pensamento, os discursos, a fé* (do minuto 36.10 ao minuto 37.50), *clonline*.

» Padre Fábio

Muitas das vossas perguntas e intervenções nas assembleias de ontem à noite revelavam uma impaciência: «Queria ver já», «Queria que me acontecesse a mim», «Queria dar já os passos que a Samaritana deu», «passou de cinco maridos... para um testemunho público aos seus concidadãos!», e talvez também esta manhã nos tenha invadido alguma “santa inveja”, ouvindo o padre Francesco: «Gostaria de também ter tido uma amizade como a que ele teve nos seus anos de liceu! Também eu gostaria de ter uma amizade como a que ele teve nos anos do CLU!». Por isso, é necessário um pequeno preâmbulo como pano de fundo da síntese.

1. No tempo, o Templo

Jesus responde à samaritana: «Os verdadeiros adoradores não-de adorar o Pai espírito e verdade».² E assim és tu, és tu o templo de Deus, a sua morada; até o Seve, na sua saudação de quinta-feira à noite, nos dizia: «Uma casa que somos nós, talvez um pouco desfeita». No entanto, Deus escolhe-te, escolhe vir e habitar em ti, tu és o templo de Deus. Mas cuidado com a impaciência: para que o templo se erga, para que a casa se erga, é preciso tempo.³ Não um tempo vivido com preguiça, claro! Isto permite-nos também sair de uma dúvida que talvez permaneça connosco como uma reflexão posterior: «Sim, obrigado, falamos especificamente do tempo, dizem-nos para, precisamente, “dar tempo”, para adiar!». Mas não, o tempo representa o itinerário que o Mistério nos dá. O tempo é-nos dado, o Mistério no-lo dá permitindo que a nossa vida se desenvolva, que a nossa consciência, o nosso coração, a nossa razão, amadureçam, se desenvolvam, porque a planta não cresce toda de uma vez!

De facto, cantámos: «A História maior é o Destino / que se revela pouco a pouco».⁴ «São necessários dois fatores para que uma semente se torne grande. O *primeiro fator* [é que esta semente que está dentro da terra, a terra é a nossa companhia, é a companhia dos Liceus, é a companhia da Igreja] é a administração dos nutrientes que a terra dá à semente».⁵ Isto significa ficar, permanecer, permanecer fiéis a esta companhia, como nos testemunhava o padre Francesco: os anos do ensino médio, vivendo de forma um pouco “desordenada”, nos primeiros anos do secundário, vivendo com uma certa agitação interior, mantendo um pouco o “pé nos dois sapatos” e depois aproximando-se cada vez mais daquela *decisão para a existência* recordada na quinta-feira à noite, mas ficando, ficando, na terra da companhia: ficas, ficam, permanecem, e entretanto vão absorvendo e assimilando os nutrientes, fazendo trabalhar o cérebro e o coração! «O *segundo fator* é o tempo. O tempo é a condição do caminho para o desenvolvimento da semente».⁶ Não temos de perceber tudo a 30 de março de 2024!

Alguns sairão daqui hoje com uma convicção alcançada e com mais algumas questões em aberto, outros com muitas certezas e ainda alguns pontos por iluminar. Mas o tempo, dentro do *húmus*, dentro da terra da nossa companhia, permite que a semente, o eu, plante as suas raízes, depois lance as suas folhas, depois floresça, brote, dê frutos, frutos que vão... até ao Chile: o que é que o padre Francesco sabia que iria para o Chile, que depois se tornaria Reitor do Seminário, que depois viria para Milão para ser responsável pelo CLU? O que é que nós, o Seve e eu, e os vossos adultos, que há vinte anos estavam no mesmo lugar que vocês, sabíamos sobre o que nos iria acontecer, sobre a evolução das nossas vidas? Com o tempo, uma certeza profunda. É bonito ler o Evangelho, porque muitas vezes aparece uma frase depois de Jesus fazer um milagre: os discípulos estão ali com os olhos arregalados, a razão cheia de espanto, o coração cheio de alegria, e depois o evangelista comenta: «E acre-»

² Cf. Jo 4,24.

³ Cf. L. Giussani, *Il tempo e il tempio. Dio e l'uomo*, BUR, Milão 1995.

⁴ C. Chieffo, “La notte che ho visto le stelle”, em *Canti*, Soc. Coop. Ed. Nuovo Mondo, Milão 2014, pp. 236-237.

⁵ L. Giussani, “Respostas aos jovens”, *CL Litterae Communionis*, n. 10/1989, p. 4.

⁶ *Ibid.*

» ditaram nele». Depois, outra página, outro facto comovente: «E os discípulos acreditaram nele». Depois, outro diálogo ou encontro, outro acontecimento: «E os discípulos acreditaram nele naquele dia». Todo o Evangelho está repleto destes factos e frases.⁷ E alguém diz: «Mas como? Não tinham já acreditado no primeiro dia? Não tinham já começado quando Jesus se voltou para João e André e lhes disse: “Que quereis?”». Mas, com o tempo, essa certeza inicial aprofunda-se cada vez mais!⁸ De facto, Jesus diz-lhes: «Vinde e vede», isto é: estai comigo e vereis, e começareis a acreditar, e aquela aurora – como dizia o padre Francesco – da amizade tornar-se-á pouco a pouco cada vez mais luminosa. Por isso, cuidado para não tropeçar no engano da impaciência, que faz interromper um caminho porque não vê imediatamente os frutos, porque gostaria de os colher imediatamente! «Pela vossa constância [na paciência] é que sereis salvos».⁹

2. «A fé é como uma grande hipótese de trabalho que nos vem da tradição»

Don Gius dizia no vídeo: «A fé é como uma grande hipótese de trabalho que nos vem da tradição»,¹⁰ do latim *tradio*, *tradiōnis*, derivado do verbo *trādere*, «entregar», «transmitir». O padre Francesco acaba de descrever a mesma dinâmica que vimos atuar entre a samaritana e os outros habitantes de Sicar: os outros aldeões, depois de terem ouvido e visto, recebido, o que a samaritana lhes tinha transmitido – «Há alguém que me contou tudo o que eu fiz, há alguém que leu o meu coração como nunca ninguém o tinha lido, nem mesmo os meus cinco maridos!» – eles próprios quiseram ir ao encontro de Jesus e pediram-Lhe para estar com Ele e começaram a levar a sério aquela hipótese que lhes tinha chegado, que lhes tinha sido transmitida. Como um de vocês, por exemplo, poderia dizer na próxima quarta-feira, ao regressar à escola depois das férias: «Há um lugar, os Liceus, onde me senti compreendido, lido, acolhido, onde as minhas perguntas são levadas a sério e onde posso verificar uma resposta no seio de uma amizade, descobrir a pertinência do facto cristão para a minha vida, vem tu também!»! Aqueles aldeões, ao ouvirem a samaritana, disseram para si mesmos: «Pelas palavras da samaritana, começámos a acreditar e agora queremos conhecê-Lo, a fonte!». De facto, esta passagem é logo a seguir descrita no Evangelho: «Foram ter com Jesus, e começaram a pedir-Lhe que ficasse com eles». Assim se realiza aquela *decisão para a existência*: «Quero estar contigo!». Também ontem à tarde dizíamos isto durante a *Via-Sacra*, vendo Dimas crucificado com Jesus na cruz: «Leva-me contigo para o Paraíso, deixa-me estar contigo»; o Paraíso abre-se agora nesta vida, estando já com Ele. Finalmente, o Evangelho de São João continua dizendo: «Agora já não é por causa do que me disseste, mas agora vi que és o Salvador da minha vida». Pois bem, chega-nos através da tradição, através de um pequeno elo na cadeia ininterrupta da tradição, chega-nos talvez através da mãe ou do pai que nos dizem: «Vai aos Liceus», «vamos ao Tríduo», «vem comigo à Missa», «vai com o avô à Missa», e nós vamos, como aqueles que ouviram a história da samaritana. »

⁷ «Precisamente o capítulo seguinte do Evangelho relata o milagre das bodas de Caná e termina assim: “Jesus realizou o primeiro milagre... e os discípulos acreditaram n’Ele”. Isto demonstra que o acontecimento não se desenvolveu num estágio brevíssimo. Se aqueles discípulos, apesar de O reconhecerem como o Messias desde o primeiro encontro, nunca mais O tivessem visto, teriam esquecido aquele curioso facto. Porém, reaproximando-se d’Ele, aquela primeira impressão aprofundava-se neles. Nesta convergência contínua de impressões e sentimentos, eles reforçam o seu credo. Não é que antes fossem impostores e não acreditassem; pelo contrário, seguiam a lei da consciência humana, que implica esta evolução. E assim, mesmo depois das bodas de Caná, o Evangelho sublinha outras vezes: “... e os discípulos acreditaram n’Ele”. Produz-se um aprofundamento que conduz o homem a esse grau de segurança graças à qual, a dado momento, está persuadido: *tem a certeza*» (L. Giussani, “Passos de experiência cristã”, em *O caminho para a verdade é uma experiência*, Tenacitas, Coimbra 2006, p. 86).

⁸ Jo 1,39.

⁹ Lc 21:19.

¹⁰ Ver aqui, p. 27.

» É assim que se começa a verificação; como dizia o padre Francesco: «A certa altura, quis arriscar a minha vida». Foi por isso que cantámos *Hoy arriesgaré* depois de *Peter, Do You Love Me?*¹¹ Dirige-se a ti! Chama por ti! É necessária a tua iniciativa!

3. «Mas se falta o trabalho da experiência»

Penso que o trabalho da Escola de Comunidade nos está a ajudar muito a perceber os fatores da nossa verificação. Experimentar, fazer experiência, diz *don* Gius, não significa apenas passar por uma multiplicidade de circunstâncias. Normalmente ouve-se dizer: «Aquele ali é alguém que teve muitas experiências, porque viajou muito, deu a volta ao mundo...!» Mas isso ainda não é fazer experiência. *Don* Giussani diz que só se faz experiência quando se compara o que se viveu com as exigências e as evidências do nosso coração.¹² Depois de termos feito um juízo sobre o que vivemos, então podemos dizer que fizemos experiência. A samaritana, de facto, chega a dizer: «Como este homem, Jesus, me tratou! Disse-me tudo o que eu tinha feito, abriu-me um novo horizonte como nunca ninguém o fez!». Confronta-se com o que lhe acontecera, e esta diversidade reconhecida leva-a a fazer um juízo de correspondência, de fé: «Aqui está a divindade, o toque de Deus». Isto é, nesta companhia há qualquer coisa que não existe noutra lugar, pelo que se começa a dar um nome e um Rosto a esta correspondência; eis o trabalho da experiência, do juízo. Também aqui, sem automatismos, como dizia o padre Francesco, também no seu tempo dos Liceus circulava uma frase que soava assim: «Aqui nos Liceus somos felizes e somos felizes porque existe Deus»... pois bem, ele começou a descobrir isso ajuizando!

4. «Ao passo que a fé é vida»

O quarto ponto da síntese é retirado da frase de *don* Gius: «Ao passo que a fé é vida».¹³ Muitos dos vossos contributos e intervenções recolhidos nas perguntas de sexta-feira à noite exprimiam ainda a necessidade de unificar a vida, de não avançar mais em duas linhas paralelas que nunca se encontram no infinito: de um lado a vida, do outro a fé; de um lado a razão, do outro a fé; de um lado a ciência, do outro a fé. É uma vida unida, porque a fé coincide com a vida, em todas as circunstâncias estou em relação com Deus, não apenas “na montanha” ou “no templo”, na Igreja sim e na escola e no futebol não. Também isto foi testemunhado há pouco pelo padre Francesco: uma fé que leva o seu amigo a fazer o exame com ele, sem precisar, apesar de já o ter feito; a descoberta de um modo de viver a amizade num apartamento, ajudando-se mutuamente com seriedade; a sua presença cristã na universidade... a vida é tomada pela fé, a fé inerva a vida. A fé é vida, e muitos perguntaram: «Podem dar-nos algumas indicações concretas neste sentido?». Por isso, queremos ir ao concreto, para que esta hipótese que vos é entregue possa ser verificada e depois possam dizer-nos que frutos deu em vós e através de vós, quando nos voltarmos a encontrar no próximo ano!

A primeira indicação concreta é a da oração. Jesus dirige-se à Samaritana e diz-lhe: «Se conhecesses o dom que Deus tem para dar e quem é que te diz: “dá-me de beber”, *tu é que lhe pediras*».¹⁴ Então, começa, começa, e depois continua, continua a pedir uma fé que coincida com a vida, a pedir a Deus que faça florescer a tua humanidade, reza pela tua conversão, pede a tua santidade! «Senhor, faz florescer a minha humanidade, vê que o meu coração é ainda um pouco mesquinho e egoísta, então transforma-o, fá-lo florescer». Redescobrir a vida como relação com Ele: peço-Lhe logo de manhã, quando ponho o pé direito no tape-»

¹¹ O. Clemotte, “Hoy arriesgaré”, em *Canti*, Soc. Coop. Ed. Nuovo Mondo, Milão 2014, pp. 286-287; “Peter, Do You Love Me?”, *Espiritual*.

¹² Cf. L. Giussani, *O sentido religioso*, Tenacitas, Coimbra 2023, pp. 21-32.

¹³ Vídeo - *Don Luigi Giussani, O pensamento, os discursos, a fé* (do minuto 36.10 ao minuto 37.50), *clonline*.

¹⁴ Jo 4:10.

» te ao lado da minha cama, quando rezo o *Angelus*, mesmo se estou um pouco zozinho ou atordoado, quando vou do meu quarto para a casa de banho, ou no autocarro para a escola. E depois, como dizia o padre Francesco, encontramos-nos fora da escola com os amigos. Como é bom chegar à escola com outros amigos ou marcar um encontro com aqueles que nos esperam e com quem podemos partilhar e verificar essa amizade! Se não houver tempo, podemos fazer o sinal da cruz e dizer «Ó Deus, vem salvar-me!», ou rezar as Laudes e depois o *Angelus*, e depois, no recreio, reunirmo-nos: «Como correu a aula? Como é que não correu? Depois, à tarde, voltamos a encontrar-nos para estudar!». Terminar os serões com o *Memorare*, confiando-nos a Nossa Senhora, ou terminar as tardes de estudo em casa ou na sede dos Liceus com as Vésperas rezadas em conjunto, recuperando sempre a memória de Quem nos reuniu! Pois bem, tomemos a sério estas sugestões. Pediram este aspeto concreto para que a possam verificar, ou seja, torná-la verdadeira na vossa vida.

E depois, se a fé coincide com a vida, o que é que Jesus Cristo tem a ver com toda a minha vida, com o todo, isto é, com a cultura, com o mundo? E assim, enquanto estou na aula e ouço falar de Leibniz, de Schopenhauer, de Marx, de Freud, de Nietzsche, e me dizem que a ciência não tem nada a ver com a fé... como é bonito, pelo contrário, descobrir que a fé fez florescer a ciência, que a fé procura e exige o intelecto e vice-versa, organizar encontros sobre isto! Há livros lindíssimos sobre este tema tão decisivo, há exposições do Meeting, adultos a quem perguntar, apoiem-se neles. Ou então, nas notícias ou na Internet, ouvem falar de um projeto de lei sobre o fim da vida¹⁵, sobre o aborto¹⁶, sobre a barriga de aluguer¹⁷, e perguntam-se: «Mas em que mundo é que eu vivo, que mundo estamos a criar?». Um mundo que, em vez de favorecer e alimentar a vida, faz tudo para a impedir de nascer e para a tirar do caminho o mais depressa possível?». Ajudemo-nos mutuamente a manter-nos despertos e interessados em tudo e a compreender o que esse pormenor tem a ver com Cristo, com o que encontramos. *Don Gius* costumava dizer: «O que é que Deus tem a ver com a matemática?»¹⁸.

Nestes dias, vimos e ouvimos falar de amizade como «amizade pelo destino» e para muitos isso talvez ainda pareça apenas palavras. O padre Francesco acaba de nos dizer: «Diziam-me que Deus está na origem da nossa amizade. A mim parecia-me que a palavra soava estranha, como se disséssemos: “garrafa”». Então, para concretizar, ontem recebi esta mensagem de uma pessoa que já tinha visto três vezes, e nasceu uma amizade pelo destino. Sabendo que eu estava aqui convosco, enviou-me ontem esta mensagem: «Estou no hospital, operaram-me »

¹⁵ «Contudo, devemos ter o cuidado de não confundir esta ajuda com desvios inaceitáveis que levam a matar. Devemos acompanhar as pessoas até à morte, mas não provocar a morte nem ajudar qualquer forma de suicídio. Saliento que o direito a cuidados e tratamentos para todos deve ser sempre uma prioridade, de modo a que os mais débeis, particularmente os idosos e os doentes, nunca sejam descartados. A vida é um direito, não a morte, que deve ser acolhida, não administrada. E este princípio ético diz respeito a todos, não apenas aos cristãos ou crentes» (Francisco, *Audiência geral*, 9 de fevereiro de 2022).

¹⁶ «Uma abordagem contraditória permite também a supressão da vida humana no ventre materno, em nome da salvaguarda de outros direitos. Mas como pode ser terapêutico, civil ou simplesmente humano um ato que suprime a vida inocente e inerme no seu desabrochar? Pergunto-vos: é justo “eliminar” uma vida humana para resolver um problema? É correto contratar um sicário para resolver um problema? Não se pode, não é justo “eliminar” um ser humano, por mais pequenino que seja, para resolver um problema. É como pagar a um assassino para resolver um problema» (Francisco, *Audiência Geral*, 10 de outubro de 2018).

¹⁷ «O caminho da paz exige o respeito pela vida, por toda a vida humana, a começar pela do nascituro no ventre da mãe, que não pode ser suprimida nem se pode tornar objeto de tráfico ilícitos. A este respeito, considero deprimente a prática da chamada barriga de aluguer, que lesa gravemente a dignidade da mulher e do filho. Baseia-se na exploração dum situação de necessidade material da mãe. Um filho é sempre um dom, e nunca o objeto dum contrato. Almejo, pois, um esforço da comunidade internacional para proibir tal prática a nível universal» (Francisco, *Aos membros do Corpo Diplomático acreditado junto da Santa Sé para a apresentação das felicitações de Ano Novo*, 8 de janeiro de 2024).

¹⁸ Cf. L. Giussani, *Una presenza che cambia*, BUR, Milão 2004, pp. 94, 316.

» a um tumor no pulmão, espero sair no dia de Páscoa. São dias muito dolorosos. É de facto uma Semana Santa cheia de paixão. Mas queria dizer-vos que rezo, ou melhor, tento rezar também por ti, pela tua tarefa no Tríduo dos Liceus, ofereço também por vocês. Peço ao Espírito Santo que vos cumule com a sua fecundidade maravilhosa e inesgotável. O meu “sim” diante de Deus nestes dias é também para ti e para todos aqueles jovens que, sem os conhecer, amo de todo o coração». Esta é a promessa cumprida de uma amizade mais verdadeira, mais profunda, como aquela, precisamente, descrita pelo padre Francesco com a sua amiga Marta, ou vista ontem no testemunho da mãe cuja filha nasceu para o Céu.

Nestes dias ouvimos falar de afetividade. Também sobre isto foram colocadas muitas questões: «Mas o que é que significa amar uma pessoa?», «O que é que significa ligar-se para sempre a outra pessoa?». É preciso também aprofundar esta dimensão essencial da vida. A nós, interessa-nos toda a vida. Por isso, se estamos interessados em perceber, convidamos um casal para um serão dos Liceus ou das férias, convidamos um padre, *Memoires Domini*, perguntando: «Mas o que é que significa amar esta pessoa? Quando é que se apaixonaram? Amar o outro na virgindade, possuí-lo sem o sufocar, o que é que isso significa? A rapariga com quem o padre Francesco estava, quando descobriu a vocação para a virgindade do namorado, disse-lhe: «Eu afasto-me para que tu vás ao encontro do teu destino, para que realizes a tua vocação»; se o teu chamamento para o Paraíso passa pelo sacerdócio, «levanto as mãos e dou um passo atrás». E depois a contrapartida, quando foi a “vez” do padre Francesco em relação à ex-namorada: «O teu chamamento para o Paraíso passa pelo matrimónio e pela maternidade, pelo ser esposa», então, que alegria pura, que alegria profunda poderem caminhar juntos, lado a lado, em direção ao destino, cada um segundo a sua vocação! Também aqui, indicações concretas: convidem, perguntem. Vocês têm sede destes testemunhos, vão atrás dessa sede, perguntem aos vossos adultos, deixem que eles vos contem, eles estão lá para vocês!

E depois, como eu dizia ontem, quando a fé se torna vida, ela transborda, a água jorra de ti, através de ti e transborda: a missão. *Don Gius*, deste ponto de vista, é categórico ao indicar a tarefa de cada cristão; viram há pouco o fogo com que ele nos colocava perante a nossa responsabilidade: «Sobre isto seremos julgados!». A missão é um sinal de caridade, não é a vontade de pôr em prática sabe-se lá que estratégia, de cumprir um dever, mas simplesmente a alegria transbordante e a caridade de querer partilhar com quem quer que seja aquilo que, pela Graça, encontrei, Aquele que me encontrou no poço da minha existência!¹⁹ Com o meu colega de turma, o meu companheiro de futebol, o meu colega de universidade amanhã, aquele com quem danço, aquele com quem estou na mesma equipa de basquetebol. Partilhar. Depois, como aconteceu com o padre Francesco e o seu amigo, não se sabe o que vai acontecer, continuarão amigos como o bom Deus quiser. Não é proselitismo, é simplesmente a caridade de partilhar o que nos faz viver, o que nos sustenta. É comovente o que *don Gius* dizia a alguns adultos em Viterbo, em 1977: o movimento espalhou-se porque havia jovens que, devido ao que viviam na sua cidade, iam para férias e, ali onde estavam, se encontravam. E onde se encontravam, colocavam uma semente. E onde colocavam essa semente, ela depois crescia lentamente.²⁰ Alguns adultos de Varese contavam-me como nasceu o primeiro grupo dos Liceus, e depois o CL em Abruzzo: em 1968, enquanto a contestação grassava »

¹⁹ «Contudo, pode acontecer que o ardor apostólico, o desejo de alcançar os outros com o bom anúncio do Evangelho, diminua, se torne tíbio. Às vezes parece eclipsar-se, são cristãos fechados, não pensam nos outros. Mas quando a vida cristã perde de vista o horizonte da evangelização, o horizonte do anúncio, adoece: fecha-se em si mesma, torna-se autorreferencial, atrofia-se. Sem zelo apostólico, a fé esmorece. Ao contrário, a missão é o oxigénio da vida cristã: tonifica-a e purifica-a» (Francisco, *Audiência geral*, 11 de janeiro de 2023).

²⁰ Cf. L. Giussani, *Il rischio educativo. Come creazione di personalità e di storia*, SÉI, Turim 1995, p. 89.

» em Itália nas universidades e nas praças, um pequeno grupo de jovens convidados pelo bispo local foi passar os seus tempos livres durante os Verões de 68, 69, 70 e 71, como voluntários, com os liceais de Abruzzo. O bispo tinha telefonado a Giussani, Giussani tinha telefonado ao padre Baroncini, Baroncini tinha telefonado a estes universitários e tinha-lhes dito: «Mas oiçam, este verão, em vez de irem para as Seychelles e para as Canárias, porque não vão fazer voluntariado com estes jovens, partilhando com eles aquilo que vos foi dado?». E assim nasceu a primeira comunidade. Mas tantas coisas, tantas sementes foram plantadas desta forma em todo o mundo! Tentem saber como é que nasceram os Liceus na vossa região, no vosso país!

Termino. O padre Francesco disse, no final do seu testemunho: «Espero que um dia também vos aconteça poder dizer o que vos estou a dizer agora». Mas para alguns de nós já está a acontecer, já é uma experiência. Por isso, duas breves cartas vossas, dos contributos, como último incitamento.

A primeira. «Há um mês o meu querido ex-professor de filosofia, que partiu para o Uganda e apoia a Rose na “Luigi Giussani High School”, regressou a Itália e eu pude reencontrá-lo. Naquela noite não fiz mais nada senão observar como sorria, o que dizia, os gestos que fazia, os olhos arregalados. E, de repente, senti-me como os doze da Última Ceia a ouvir o Mestre, a olhar para ele, e quanto mais O olhavam, mais o seu coração se enchia, mais se comoviam, mais se abraçavam todos. Já não importava com que coração, se sujo, se pecador, se alegre, se triste. Não importa como estava o meu coração naquela noite ao jantar, o que importa é que Ele estava lá. Terminado o jantar, entrei no carro, liguei-o. Quando arranquei, comecei a chorar e a rir. Uma emoção estranha, gigantesca: “Senhor, quanto e como me amas!? O meu professor tinha descoberto que a sua paixão por Cristo tinha tomado uma forma, a sua vocação numa companhia. E que graça que, através dele, tenha chegado até mim!” [Voltemos ao que dissemos há pouco: através da samaritana, outros se voltam para o bom Jesus... percebem?] Como é que eu posso ser como o meu professor? Não poderia se não compreendesse que ele está ali para dar a sua vida pela obra de Outro e eu fico aqui com esta certeza de que a nossa amizade só ultrapassa a lógica do tempo e do espaço no reconhecimento de que somos filhos do mesmo Pai».

Segundo contributo e termino. Esta relação com Deus Pai, através do Espírito Santo, que nos torna filhos no Filho, é a que se deve cultivar em tudo o que dizíamos antes, isto é, na pertença à companhia da Igreja, na oração, nas amizades, nos afetos, na cultura, na caridade, na missão. É o diálogo *cor ad cor*, o diálogo de coração a coração enquanto se vive. Uma rapariga escreve: «É isto que Ele me pede durante o dia: apenas um simples “sim”, mas com um significado imenso. [Pensem no frágil «sim» de Maria, de Nossa Senhora, a partir do qual mudou toda a história humana. Há um “antes” da encarnação e há um “depois” da encarnação. O próprio tempo tem um “antes” de Cristo e um “depois” de Cristo, graças àquela mulher. E é assim na nossa vida!] Eu posso tropeçar, posso cair, posso ficar a pensar, a refletir sobre a queda, a mergulhar em pensamentos negativos, mas o facto incontestável é que estou e estarei sempre nas mãos de Jesus, pois Ele é o meu maior tesouro».

Passo a palavra ao Seve para os avisos!